

6-8-59

A CRÔNICA de Rubem Braga

Beira-Mar

DEPOIS de tantas águas e tanto sudoeste o mar está revólto e a praia limpa. Deito-me ao sol; depois dou um, dois mergulhos, levo umas pancadas de onda, volto para casa outro homem. Sei que em breve Ipanema será apenas uma praia estadual. Mas eu lhe ficarei fiel, feliz cronista de província, homem de meu distrito, seja ele federal ou municipal.

É verdade que de Cabo Frio para cima os mares são melhores, não acontece como às vezes aqui no verão um sol quente com água gelada. Chico Brito, que sabe muitas coisas e inventa outras, me explica: são águas de leste; isto é, águas vindas das friúras do Sul, mas que passariam muito ao largo se uma corrente de leste as não trouxesse para a costa onde penamos; pois as águas aqui chamáveis propriamente de Sul já nos chegam cálidas, embaladas no conforto mineral das ilhas e angras entre Rio e Santos.

Oh, sair ao mar, navegar, poitar, pescar, pecar, beber, morrer, sonhar talvez, quem sabe? É curta a vida, curto é o dinheiro, o tempo escasso e o mar imenso. Se minha vida não tivesse tantos escolhos eu iria, neste inverno, dos abrolhos nos refolhos matar peixes e sereias. Em vez, ponho a gravata sem fé e vou ao centro.

Enfim, um dia escreverei um novo livro chamado "Tristezas à Beira-Mar", oculto pelo pseudônimo "Um Morador de Ipanema". Não, acho que nem isso.

RN 398